

A soberania de Deus assusta?

Agora, dizer que Deus através da sua soberania 'ordena' todo sofrimento é temerário, pois os infortúnios do homem decorrem dos seus próprios erros.

A soberania de Deus assusta?

As emoções humanas

Deparei-me com um texto sob o título 'Quando a soberania de Deus lhe assusta', escrito pela Sra. Keri Seavey*, e não pude me furtar a comentá-lo.

O artigo original na língua inglesa encontra-se no seguinte link: < <http://thegospelcoalition.org/blogs/tgc/2014/04/28/when-gods-sovereignty-scares-you> >, e publicando na língua portuguesa no Blog do Andrew: < <http://oblogdoandrew.wordpress.com/2014/04/29/quando-a-soberania-de-deus-lhe-assusta> > Consulta realizada em 30/04/14.

A Sra. Seavey conta em seu artigo que ao ouvir uma pregação do seu marido, foi necessário conter a enxurrada de emoções que tentava inundar o seu ser, conforme se lê:

“Enquanto ouvia o meu marido pregar no Domingo, eu tentava frear a enxurrada de emoções mistas atravessando a represa interna que ergui. Eu estava espantada, cambaleante por conta da auto-reflexão. Cheguei à conclusão, sem dúvida de que fui conduzida pelo Espírito, de que eu estava com medo, assustada e aterrorizada por Deus” Seavey.

Surpreende-me o argumento:

“Cheguei à conclusão, sem dúvida de que fui conduzida pelo Espírito, de que eu estava com medo, assustada e aterrorizada por Deus”.

É temerário ter conclusões decorrente de uma 'auto-reflexão' em momento de forte emoção, mas a alegação de que ela afastou o 'benefício da dúvida' confiante

de que foi 'guiada pelo Espírito' à conclusão de que 'estava com medo, assustada e aterrorizada por Deus', deve ser analisado à luz das Escrituras.

O artigo da Sra. Seavey possui quatro subtítulos, e o último possui argumentação supostamente de cunho teológico que parece ser o fundamento da argumentação dos outros três subtítulos.

Deus ordena o sofrimento?

Analisaremos primeiro o último subtítulo "*Sofrendo soberano*", onde a Sra. Seavey afirma que as Escrituras revelam '*Deus como Rei amoroso que ordena e supervisiona todo sofrimento*' Idem. O pronome inclusivo 'todo' generaliza a assertiva, e em 'generalizar' é grande o risco de cometer um erro.

Se entendermos 'supervisiona' todo sofrimento como algo inerente a onisciência de Deus, que tudo vê e tudo sabe, poderíamos entender como verdadeira a segunda parte da assertiva "*E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar*" (Hb 4:13).

Agora, dizer que Deus 'ordena' todo sofrimento é temerário, pois os infortúnios do homem decorrem dos seus próprios erros.

"De que se queixa, pois, o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados" (Lm 3:39).

É por isso que o apóstolo instrui dizendo: - "*Não erreis!*" E o motivo de o homem não errar é específico: tudo o que semeia, ceifará "*Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará*" (Gl 6:7).

Deus estabeleceu a lei da sementeira, o que é completamente diferente de ter '*ordenado todo sofrimento*'. E como a colheita é abundante comparado ao que se planta, certo é o ditado: quem planta vento colhe tempestade "*Porque semearam vento, e segarão tormenta, não haverá seara, a erva não dará farinha; se a der, tragá-la-ão os estrangeiros*" (Os 8:7).

Neste sentido, o sofrimento não é determinado por Deus, visto que não há maldição sem causa "*Como ao pássaro o vaguear, como à andorinha o voar, assim*

[a maldição sem causa não virá](#)“ (Pv 26:2). A morte só entrou no mundo por causa da desobediência de um homem que pecou, Adão (Rm 5:12). O mandamento que foi dado no jardim alertava quanto à maldição que sobreviria sobre o homem, porém, a decisão do homem foi causa da maldição.

Deus é soberano, no entanto, apesar do seu eterno poder, Ele é fiel, justo e reto, ou seja, a ninguém oprime, de modo que jamais ordena o sofrimento de indivíduos em particular [“Ao Todo-Poderoso não podemos alcançar; grande é em poder; porém a ninguém oprime em juízo e grandeza de justiça”](#) (Jó 37:23).

A maldição que se abateu sobre a terra se deu em função de Adão ter dado ouvidos à mulher e comido da árvore que lhe foi vetada por Deus, e a maldição atingiu todos os homens. No Éden a dor foi posta como maldição decorrente do pecado, de modo que com dor o homem passou a comer do produto da terra até retornar ao pó da terra [“E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás”](#) (Gn 3:17 -19).

Vemos a lei da sementeira aplicada a Israel, pois a rebelião deles trouxe consequência funestas (Os 8:1), ou seja, fizeram um plantio de vento, e a tormenta se abateu sobre eles. Por terem transgredido a aliança é que sobreveio a guerra, a fome e a peste, conforme o testemunho contra os filhos de Israel que consta em Deuteronômio (Dt 31:19 -21).

Em virtude da palavra de Deus que advertiu que viria um grande mal sobre Israel quando se desviassem do Senhor [“Porque eu sei que depois da minha morte certamente vos corrompereis, e vos desviareis do caminho que vos ordenei; então este mal vos alcançará nos últimos dias, quando fizerdes mal aos olhos do SENHOR, para o provocar à ira com a obra das vossas mãos”](#) (Dt 31:29), é que o profeta Habacuque diante da calamidade que se instalava, permaneceu confiante em Deus, pois Ele sabia que a maldição que se abatia sobre o seu povo de Israel era em decorrência da apostasia, e não porque Deus é soberano [“Porque ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; ainda que decepcione o produto da oliveira, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja gado; Todavia eu me](#)

alegrarei no SENHOR; exultarei no Deus da minha salvação” (Hc 3:17 -18).

Não foi Deus que estabeleceu o mal sobre o povo de Israel, antes Ele estabeleceu a sua lei para que, ao obedece-la, gozassem o bem, mas ao transgredirem ficaram a mercê das maldições. E qual a causa da maldição? A desobediência à palavra de Deus “Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão” (Dt 28:15).

Deus não ordena sofrimento, antes que se obedeça a sua palavra. O que traz sofrimento é a desobediência à palavra de Deus. O medo sobressalta o homem quando se afasta de Deus: “Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do deus vivo” (Hb 3:12).

Dizer que Deus ordena todo sofrimento não tem respaldo bíblico. Deus não é a causa do sofrimento, e nem mesmo o fato de Deus corrigir é causa de sofrimento. Deus corrige seus filhos para evitar que sofram. Deus corrige o que ama e açoita a quem recebe por filho, e após ser contristado pela correção, virá alegria pelo fruto pacífico de justiça “E, na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela” (Hb 12:11).

A quem Deus recebe por filho? Todos quantos creem em o nome do seu Filho, Jesus Cristo (Jo 1:12). E quem Deus ama? Ora, Deus ama a todos quanto o amam “Eu amo aos que me amam, e os que cedo me buscarem, me acharão” (Pv 8:17).

Há uma confusão em torno do amor de Deus. Primeiro por não compreenderem o significado do termo ‘amor’. Em segundo lugar por não distinguirem passagens bíblicas que abordam o tema com uma linguagem teológica e outras passagens que abordam o tema com uma linguagem evangelística.

João 6, verso 16 expressa o amor de Deus em uma linguagem evangelística: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). O que entender por mundo? O termo ‘mundo’ não se refere ao ‘cosmos’. O termo é utilizado no sentido de que Deus amou indistintamente todos os povos, nações e línguas, e daí a ordem: - “Ide por todo mundo” “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15); “E este evangelho do

reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24:14 ; Mt 28:19 ; “E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc 24:47),

Mas, como foi dado o amor de Deus? Concedendo aos homens o Seu Filho unigênito (justiça de Deus) para que cressem n’Ele para não perecerem. Em uma linguagem teológica, Deus deu um mandamento pelo qual o homem deva ser salvo, que é: crer naquele que Ele enviou “Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente. Deste um mandamento que me salva, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza” (Sl 71:3); “Mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador” (Tt 1:3); “Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas, e do nosso mandamento, como apóstolos do Senhor e Salvador” (2Pd 3:2).

Ora, o mandamento de Deus é vida “E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito” (Jo 12:50), e em última instância, só desfruta do amor de Deus o indivíduo que acata o seu mandamento “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (Jo 14:21).

Em João 6, verso 16 temos Deus revelando o seu amor ao mundo, Cristo como esperança da glória. Mas, só desfruta do amor de Deus o indivíduo que ouve a mensagem da cruz e crê que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo, pois só o que ama a Cristo é amado do Pai (Jo 14:21).

Soberania

Com relação à fala:

“Se Ele fosse retratado somente como soberano, seríamos tentados a nos afastar dele por medo” Idem, percebe-se que a Sra. Seavey não compreende a soberania. Soberania diz de quem detém domínio sem que haja quem lhe seja igual ou superior, o que não pode ser confundido com tirania.

Deus como soberano (não está sujeito às condições ou encargos postos por outrem, não recebe ordens ou instruções de ninguém) possui poder e a faculdade de impor aos outros um mandamento que demanda obediência, entretanto, resigna-se somente a ensinar ao homem o caminho que deve escolher. Escolher o caminho é faculdade que o homem exerce, pois onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade **“Qual é o homem que teme ao SENHOR? Ele o ensinará no caminho que deve escolher”** (Sl 25:12 ; 2Co 3:17).

Um soberano que impõe medo é aquele que não respeita as suas próprias leis, mas Deus, mesmo possuindo eterno poder, submete-se a sua própria palavra (Sl 138:2 ; Sl 110:4).

Deus é essencialmente bom, ou seja, superior, nobre, excelente **“Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também com ele viveremos; Se sofrermos, também com ele reinaremos; se o negarmos, também ele nos negará; Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo”** (2Tm 2:11 -13); **“O SENHOR é bom, ele serve de fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele”** (Na 1:7).

Não há fundamentado na Bíblia para ter medo da soberania divina. Tal medo pode existir em se tratando de um sistema de governo humano em que o mais forte oprime o mais fraco. Ter medo de Deus é um sentimento derivado do desconhecimento, de uma impressão ou entendimento equivocado.

Quando não se entende que amor é obediência ao mandamento surge o medo da soberania de Deus **“No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em amor”** (1Jo 4:18).

O evangelista João demonstra no verso acima que aquele que ‘obedece’ ao mandamento de Deus não tem medo, pois a obediência lança fora o medo. Por outro lado, o medo decorre da pena, e não de Deus ou do seu mandamento, pois aquele que tem medo é porque não obedece. Quem ama obedece a Deus e constata que Ele dá mandamentos para a vida. Quem é desobediente teme, pois ainda não percebeu que o mandamento de Deus é cuidado.

Ficar aterrorizado com a soberania de Deus é acreditar que Deus é punidor, enquanto a Bíblia diz que Ele é galardoador **“... porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o**

buscam” (Hb 11:6).

O medo da Sra. Seavey é infundado por dois motivos:

- a) Dá crédito às suas emoções e desconhece que o amor de Deus não é sentimento (subjetivo), e sim, um mandamento (objetivo); e,
- b) Desconhece que, na Bíblia, o termo ‘temor’ possui mais de um significado: ‘obediência’ ou ‘medo’, dependendo do contexto.

‘Medo’ diz do sentimento do desobediente em vista da pena, já o ‘temor’ diz da reverência a Deus por estar com Ele o perdão [“Mas contigo está o perdão, para que sejas temido”](#) (Sl 130:4). Com Deus está o perdão para que Ele seja reverenciado, honra, obedecido, etc., já o medo é em vista da punição e não do perdão.

Bem asseverou Moisés ao povo de Israel que não temessem, ou seja, não ficassem amedrontado, antes Deus estava provando o povo para que o ‘temor’ (palavra) dele estivesse diante dos filhos de Israel [“E disse Moisés ao povo: Não temais, Deus veio para vos provar, e para que o seu temor esteja diante de vós, afim de que não pequeis”](#) (Êx 20:20).

Ora, aquele que esconde a palavra de Deus no coração não peca contra Deus [“Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”](#) (Sl 119:11). A mesma mensagem foi dada por Moisés ao povo afim de não pecarem: para que o seu temor esteja diante de vós! Aquele que não peca, não tem medo. Adão só teve medo depois que pecou, desobedeceu.

A Bíblia revela que Deus já escolheu o seu Rei, ungiendo o Seu Filho conforme o seu decreto: [“Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o SENHOR me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”](#) (Sl 2:6 -7).

O Cristo é o Filho de Deus Ungido sobre Israel que exercerá domínio sobre todos os povos, línguas e nações. Quando Cristo se assentar no trono da sua glória a reger as nações (Mt 19:28), aos que se sentirem tentados a se afastarem do Rei estabelecido por Deus fica o alerta: sedes prudentes e deixai-vos instruir, ou seja, operai a vossa salvação com temor e tremor [“Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro. Agora, pois, ó reis, sede](#)

prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao SENHOR com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se acender a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam” (Sl 2:9 -12; Fl 2:12).

O temor do Senhor

O ‘temor’ do Senhor é a sua palavra, e o ‘tremor’ diz da obediência à sua palavra “Ouvi a palavra do SENHOR, os que tremeis da sua palavra” (Is 66:5).

Jesus revelou o Pai quando se fez carne (Jo 1:18). No fato de Cristo ter sido encarnado segundo a descendência de Abraão, Isaque e Jacó, nascido na casa de Davi, demonstra a fidelidade de Deus à sua palavra e o seu eterno poder “O qual antes prometeu pelos seus profetas nas santas escrituras, acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, Declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:2 -4).

O Filho, por sua vez, foi revelado aos homens através do testemunho do Pai contido nas Escrituras. As Escrituras descrevem o Cristo de Deus como Servo sofredor, o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele (Is 53:4 -5). Quando a Bíblia diz que o Senhor é sofredor: “Piedoso e benigno é o SENHOR, sofredor e de grande misericórdia” (Sl 145:8); “Porém tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, sofredor, e grande em benignidade e em verdade” (Sl 86:15), é uma referencia a Cristo, o Senhor que se assentou à destra de Deus nas alturas “DISSE o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés” (Sl 110:1).

Quando a Bíblia assegura a bondade de Cristo, não podemos entender que Ele é condescendente com a desobediência do homem “Ele cumprirá o desejo dos que o temem; ouvirá o seu clamor, e os salvará. O SENHOR guarda a todos os que o amam; mas todos os ímpios serão destruídos” (Sl 145:19 -20). A bondade e a severidade de Cristo andam de mãos dadas, pois ele salva os que o temem, ou seja, amam, porém, os ímpios serão destruídos “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (Jo 14:21).

Na cruz Jesus foi abandonado por Deus?

Dizer que:

“Na cruz, Jesus perdeu a sua intimidade tenra com o Pai em troca da fúria da sua ira feroz. Jesus foi afligido e abandonado pelo seu Pai para que nós nunca estivéssemos sozinhos e abandonados nas nossas aflições” Idem, é anti-bíblico, pois apesar de ser o aflito de Deus, Jesus nunca foi abandonado pelo Pai. Deus nunca escondeu de Cristo o seu rosto, nem mesmo quando Cristo estava pendurado na cruz “Porque não desprezou nem abominou a aflição do aflito, nem escondeu dele o seu rosto; antes, quando ele clamou, o ouviu” (Sl 22:24).

Foi do agrado de Deus fazer o Cristo enfermar (Is 53:10), e o Cristo, por sua vez, resignou-se como Servo obedecer “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fl 2:8). Cristo não escolheu sofrer “E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26:39), mas sendo Sevo resignou-se a obedecer.

Ao que se conclui: “O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E, sendo ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hb 5:7 -9). Quando na carne, Cristo com clamor e lágrimas rogou ao Pai que tinha poder de livra-lo da morte, e Ele foi ouvido por ser piedoso, temente a Deus, de modo que a sua alma não foi deixada na morte: “Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16:10).

Cristo foi ouvido pelo Pai quanto a não ser deixado na morte, porém, Deus sempre esteve com Ele enquanto era afligido “Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei” (Sl 91:15).

A invocação do Cristo é bela, pois profeticamente por boca do Salmista disse: “Fira-me o justo, será isso uma benignidade; e repreenda-me, será um excelente

óleo, que não me quebrará a cabeça; pois a minha oração também ainda continuará nas suas próprias calamidades” (Sl 141:5).

Deus aterroriza as pessoas?

A ‘teologia’ da Sra. Seavey não se sustem diante das Escrituras, de modo que é de se contestar o fato de ela dizer que as suas conclusões foram, sem dúvidas, conduzida pelo Espírito.

“Cheguei à conclusão, sem dúvida de que fui conduzida pelo Espírito, de que eu estava com medo, assustada e aterrorizada por Deus” Idem.

Ora, a função do Espírito Santo é guiar o cristão em toda verdade, de modo que, se a Sra. Seavey estivesse sendo guiada pelo Espírito, não poderia estar à mercê destes equívocos *“Mas, quando vier aquele, o Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”* (Jo 16:13).

A função do Espírito Santo é ensinar em todas as coisas e lembrar-se de tudo o que Cristo disse: *“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”* (Jo 14:26), porém, ao encarar o seu coração, a Sra. Seavey não lembra das Escrituras, e sim das palavras de Aslan, um personagem das Crônicas de Nárnia, que ela cita *‘Ipsis litteris’*:

“Seguro?” disse o Sr. Castor, “É claro que ele não é seguro. Mas ele é bom. Ele é o Rei, eu lhe digo.” As Crônicas de Nárnia, C. S. Lewis.

A Bíblia nos garante que Jesus é o mesmo ontem, hoje e eternamente, em quem não há mudança nem sombra de variação e vela sobre a sua palavra para a cumprir pois a elevou acima do seu próprio nome. Tem algo mais seguro que Cristo, o firme fundamento? *“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente”* (Hb 13:8); *“Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação”* (Tg 1:17 ; 2Tm 2:19).

O Sr. Castor da fábula de Clive Staples Lewis não tem um testemunho seguro

sobre o Rei Jesus! O Rei Jesus é totalmente seguro, pois Ele é a Pedra de Esquina “Portanto assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse” (Is 28:16); “Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó” (Lc 20:18).

O apóstolo Pedro aponta como firme as palavras dos profetas, e na condição de apóstolo não ousou compor fábulas para expor o poder contido no Evangelho “E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações” (2Pd 1:19).

Ora, as Escrituras revelam que o Senhor é bom (Lc 19:15), excelente, superior, distinto, nobre, excelso (diz da sua posição). O homem é concitado a louvá-lo porque Ele é bom e porque a sua benignidade dura para sempre “Louvai ao SENHOR, porque ele é bom; porque a sua benignidade dura para sempre” (Sl 118:29). Além de ser bom, o Senhor é pronto a perdoar e a sua benignidade é abundante pra os que o invocam “Pois tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para todos os que te invocam” (Sl 86:5).

Sob o subtítulo ‘*Encarando o meu coração*’, a lembrança da Sra. Keri Seavey se socorre de uma fábula engenhosamente composta que não reflete a verdade das Escrituras.

A ordem do Senhor é meditar nas Escrituras continuamente, porém, a Sra. Seavey revela que os seus pensamentos sobre a bondade e o amor de Deus surgiu do ‘*agitado rios de confusão do ‘seu’ coração*’, o que a levou a ter dúvidas sobre o caráter de Deus.

A resposta do Senhor livra o homem dos seus temores e angustias “Busquei ao SENHOR, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores (...) Clamou este pobre, e o SENHOR o ouviu, e o salvou de todas as suas angústias” (Sl 34:4 e 6).

Cristo é segurança para os que n’Ele se refugiam, por isso é dito: “Ó! Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia. Temei o Senhor, vos os seus santos” (Sl 34:8 -9). Mas, só é possível ‘temer’ ao Senhor quando se aprende o temor (palavra) do Senhor “Vinde, meninos, ouvi-me; eu vos

ensinarei o temor do SENHOR” (Sl 34:11).

A palavra do Senhor é o que santifica, pois somos limpos por sua palavra “Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15:3); “Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17).

Deus santifica o homem através de mazelas?

Entretanto, parece não ser esta a crença da Sra. Seavey quando pergunta:

“Mas sendo sincera, as coisas que Deus usa para trazer à tona este bem prometido às vezes me aterrorizam. Será que Ele vai me fazer passar por mais um ano escuro para me santificar?” Idem.

Jesus deixou claro que o homem é santificado pela fé n’Ele, e não em sofrimento “Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (At 26:18).

Ao citar Romanos 5, verso 3, a Sra. Seavey confunde as vicissitudes da vida com as perseguições por causa do Evangelho. As perseguições promovem a perseverança e evidência à bem-aventurança do cristão que em decorrência das injurias terá grande galardão “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa” (Mt 5:11)

As vicissitudes da existência terrena decorrem da ofensa no Éden que trouxe maldição a terra até que o homem torne ao pó da terra, já as tribulações de Romanos 5, verso 3 é para quem já está santificado, pois é trata-se de privilégio o padecer por Cristo “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás” (Gn 3:17 -19); “Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele” (Fl 1:29).

Observe que qualquer que quiser viver segundo a verdade do evangelho será perseguido: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2Tm 3:12), o que produz no crente perseverança, experiência e esperança.

O resistir firme na fé é o mesmo que perseverar, sabendo que as mesmas aflições assaltam todos os cristãos no mundo “Ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo” (1Pd 5:9). Estas aflições referem-se à perseguição por causa da palavra, e não se configura em perda de ente queridos, desemprego, falta de pão, doenças, etc.

A perseguição por causa do evangelho causa aflição, porém, a aflição que sobrevêm aos que querem viver piamente não tem relação com o dia da adversidade estabelecido por Deus em oposição ao dia da bonança. O dia da adversidade possui objetivo definido: para que o homem não saiba o que há de vir depois. Já a aflição por causa do evangelho se dá por causa da palavra “Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro” (Rm 8:36 ; El 7:14).

As Escrituras mostram que o mal veio sobre o povo de Israel somente para confirmar o que anteriormente Deus havia dito pelos seus santos profetas no caso de desobediência, ou seja, estavam colhendo o que plantaram “E ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nossos juízes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porquanto debaixo de todo o céu nunca se fez como se tem feito em Jerusalém” (Dn 9:12).

Entretanto, quanto mais eram corrigidos, mais o povo de Israel se distanciava de Deus. O mal que sobreveio sobre o povo de Israel era um sinal da parte de Deus de que precisavam se arrepender e se voltar para Deus “Por que sereis ainda castigados, se mais vos rebelaríeis? Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco” (Is 1:5).

O que se observa através do mal decretado diante da desobediência do povo de Israel é a longanimidade de Deus através da correção apontando a felicidade do povo de Israel “Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; e andai em todo o caminho que eu vos mandar, para que vos vá bem” (Jr 7:23), entretanto, a consideração da Sra. Seavy sobre a soberania de Deus causar ‘medo’ retrata o Criador como um

déspota.

Não sei onde nas Escrituras que a Sra. Seavy leu e abstraiu o pensamento de que *'A Bíblia afirma com firmeza que na sabedoria soberana de Deus, Ele pode propositadamente ordenar aquilo que mais tememos'* Idem.

O subtítulo do artigo em comento *'Dores passadas, medos futuros'* faz referência a uma concepção de um místico, São João da Cruz, expressa em um poema de título *"A noite escura da alma"*. O que seria esta noite? Seria a ausência de Deus na vida daquele que nutre uma crença. O indivíduo sente como se Deus o tivesse abandonado ou como se sua vida de prece tivesse entrado em colapso pelo sobressalto das dúvidas.

Pode a fé ser obscura?

O Pe. Elílio de Faria Matos Júnior, ao falar das Provações da Madre Teresa Calcutá, fez a seguinte análise:

"São João da Cruz (séc. XVI), um dos maiores místicos da Igreja, ensina que sem "noites escuras" não se pode aproximar de Deus como convém. "Noite escura" é o termo que o santo doutor achou para, metaforicamente, falar do processo de purificação da alma, que se dá na obscuridade da fé e que nos dispõe para o matrimônio místico com o Senhor." Provações de Madre Teresa de Calcutá < <http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/elilio/24.htm> > Consultado em 02/05/14.

O poema de São João da Cruz aponta um caminho mítico até Deus, onde é abordadas questões como os vícios capitais, tais como a soberba, a avareza, a luxúria, a ira, a preguiça, etc.

"A cada passo tropeçava com mil imperfeições e ignorâncias, como já mostramos a propósito dos sete vícios capitais" São João da Cruz, A noite escura da alma, Capítulo XI, 3º parágrafo.

Para São João da Cruz a porta e o caminho estreito da qual Cristo fez referência no Sermão do Monte seria a 'noite escura'.

“... entrando por esta ‘porta apertada e este caminho estreito que conduz à vida’, conforme diz Nosso Senhor (Mt 7, 14). A ‘porta apertada’ é esta noite do sentido do qual a alma é despida e despojada para poder entrar firmando-se na fé, que é alheia a todo o sentido, a fim de caminhar depois pelo ‘caminho estreito’ que é a outra noite, a do espírito” Idem.

Há equívocos absurdos na abordagem de São João da Cruz, visto que Cristo é a porta estreita e o caminho apertado que conduz o homem a Deus (Jo 10:9). Jesus se apresentou como a luz do mundo, e que n’Ele anda não estará em trevas (Jo 12:46). O apóstolo Paulo enfatiza que os que creem pertencem ao dia, e não as trevas.

“Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas” (1Ts 5:5).

Mas, deixemos as mitificações de São João da Cruz de lado, e analisemos a atitude da Sra. Seavey quando enfrentou a chamada ‘noite escura da alma’. Ela enfatiza que *‘fez tudo o que sabia para mudar o seu coração’*, e passou a sondar minuciosamente, ela mesma, o seu coração em busca de ‘pecados ocultos’.

Apóstolo Paulo alerta: **“E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber” (1Co 8:2).** Ela desconhece que só Deus sonda os corações dos homens (Sl 139:23), e que só por meio da palavra de Deus é que se compreende os erros **“Quem pode entender os seus erros? Expurga-me tu dos que me são ocultos” (Sl 19:12).**

Quais os erros ocultos do homem? O fato de ter sido formado em iniquidade e concebido em pecado (Sl 51:5). Que todos os homens se desviaram de Deus e juntamente se fizeram imundo através da ofensa de Adão (Sl 53:3). Que desde o ventre os homens se desviam de Deus e andam errados desde nascem e falam mentiras (Sl 58:3).

Ora, a Bíblia nos informa que: **“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jr 17:9),** e que só Deus pode esquadrinhar o coração **“Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração e provo os rins; e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações” (Jr 17:10).**

Não há nada que o homem faça que possa mudar o seu coração, pois isto é

impossível aos homens. Mas, quando o homem crê no enviado de Deus - Cristo - há a circuncisão de Cristo, que é o despojar de toda carne, momento em que Deus dá um novo coração e um novo espírito (Sl 51:10 ; Cl 2:11).

Entendo a complexidade dos sentimentos e o torvelinho que move as emoções do homem em momentos de perda de um ente querido. Estas emoções podem se somar a outras questões físicas e psíquicas, como é o caso da tensão pré-menstrual, o nervosismo, as frustrações, etc.

Qualquer um fica assustado quando se deixa levar pelas emoções de reviver algumas das vicissitudes pertinentes a existência do homem na terra. A expectativa dos problemas que estão por vir provocam ansiedade, porém, a ansiedade nada resolve “E disse aos seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis (...) Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras?” (Lc 12:22 e 26).

Por causa da ofensa de Adão ficou estabelecido que todo homem há de retornar ao pó (Gn 3:19), e a dor da separação não torna o homem melhor ou pior diante de Deus.

Jesus teve que enfrentar a tristeza e a angustia dos momentos que antecederam a sua morte “E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo” (Mt 26:37 -38).

Por causa da aflição e da angustia Cristo pediu ao Pai que passasse dele o cálice, porém, acatar a vontade do Pai era um prazer que suplantou a angustia e a aflição “Aflição e angústia se apoderam de mim; contudo os teus mandamentos são o meu prazer” (Sl 119:143).

A certeza da morte trazia aflição “Porque a minha alma está cheia de angústia, e a minha vida se aproxima da sepultura” (Sl 88:3), porém, Ele não perdeu de vista a presença constante do Pai naqueles momentos cruentos “Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei” (Sl 91:15).

O medo de Deus em vista das vicissitudes da existência humana não se justifica, pois Deus deixa claro que Ele mesmo prova o coração e os rins, e dará a cada um

segundo o fruto de suas ações “Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração e provo os rins; e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações” (Jr 17:10).

Passar desta existência para a eternidade não deve ser o mote da preocupação do Cristão, mas sim onde o homem passará a eternidade “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno” (Dn 12:2).

*Keri Seavey mora em Vancouver, Washington, com seu marido que é pastor na Living Water Community Church. Eles têm quatro filhos. Keri é líder do ministério feminino, conselheira bíblica, palestrante e escritora que posta com frequência no blog da [Biblical Counseling Coalition](#).

Cristo foi desamparado na Cruz?

Cristo aparentava estar desamparado por Deus diante dos homens para que a justiça de Deus fosse estabelecida.

Cristo foi desamparado na Cruz?

“E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactáni; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Este chama por Elias, e logo um deles, correndo, tomou uma esponja, e embebeu-a em vinagre, e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo. E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito” (Mt 27:46 -50)

A Bíblia explicada de S. E. McNair publicada pela editora CPAD diz:

“Jesus nunca falou em ser desamparado pelo Pai, mas sendo ‘feito pecado’ por nós, sentiu-se abandonado por Deus (46)” McNair, S. E. A Bíblia explicada/S. E. McNair. – 4ª. ed. – Rio de Janeiro: CPAD, 1983, pág. 331.

Ouvi vários sermões acerca desta passagem bíblica, e nela os pregadores afirmavam: *“Por Jesus levar sobre si o pecado da humanidade, Deus não suportou ver o pecado, e virou as costas para o seu Filho”*.

Você concorda com tal afirmação? Jesus estava desamparado por Deus quando bradou na cruz: *“Eli, Eli, lamá, sabactáni?”* ?

Antes de qualquer conclusão, analise!

O ministério de Jesus teve como característica principal o ensinamento acerca do reino de Deus. Desde tenra idade ele esteve ensinado os seus compatriotas *“Todos os que o ouviam admiravam-se da sua inteligência e respostas”* (Lc 2:47).

Quando Jesus assentou-se no templo e achou o texto no Livro de Isaías que dizia: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres”* (Lc 4:18), ele afirmou: *“Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”* (Lc 4:21).

Quando Jesus esteve pregado à cruz não foi diferente! Ao bradar em hebraico *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”*, Ele não estava alegando ou reclamando que o Pai tinha lhe abandonado.

Quando Jesus bradou: *“Eli, Eli, lamá sabactâni”*, deixou aos seus ouvintes uma última lição da mesma forma que foi deixado na sinagoga no início do seu ministério (Lc 4:21). Como?

Jesus bradou utilizando-se de palavras idênticas ao do Salmo 22, o que indicava que aquela Escritura também cumpria-se aos ouvidos dos que assistiam a crucificação.

Observe que os ouvintes acharam que ele estava clamando por Elias *“E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias”* (Mt 27:47).

Caso Jesus estivesse reclamando que Deus o abandonara, simplesmente teria

bradado em latim ou grego! Por que Ele bradou especificamente em aramaico, causando uma confusão no povo acerca do que clamava?

Outros diziam: *“Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo”* (Mt 27:49), e Jesus bradou novamente, e entregou o espírito (Mt 27:50).

Observe que *“Pai, na tuas mãos entrego o meu espírito”* a penúltima frase antes de Jesus entregar o seu espírito foi: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”*, e que, logo em seguida disse a última frase que é: .

Você notou a diferença entre o primeiro e o último brado? No primeiro Ele fala ‘Eli, Eli’, que quer dizer Pai em aramaico. Já a última vez que Ele clamou por Deus, ele faz uso da língua de costume: ‘Pai’.

O que isto significa? Significa que o primeiro brado é somente uma citação do salmo 22, e o segundo brado a última oração do Filho ao Pai.

Observe o texto seguinte:

“E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, E restauração da vista aos cegos, A por em liberdade os oprimidos, A anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.²¹ Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lc 4:17 -21).

Ao citar um texto do Antigo Testamento Jesus demonstrou que aquele trecho havia cumprido cabalmente aos ouvidos do povo!

Da mesma forma ao bradar *“Eli, Eli, lamá sabactáni”*, Jesus estava demonstrando que o Salmo 22 estava cumprindo-se cabalmente ante os olhos dos que assistiam a crucificação.

É sabido que uma situação inusitada, cruenta ou chocante fixa-se na memória do ser humano. Pergunto: Cristo perderia a última oportunidade de esclarecer e fixar na memória dos que estavam assistindo mais um texto bíblico? Não!

Uma pequena citação das Escrituras era suficiente para trazer à lembrança do

ouvinte todo o texto, visto que, a memorização das passagens bíblicas era necessário.

De maneira alguma Cristo foi abandonado pelo Pai! Deus jamais abandona os seus filhos, quanto mais o seu Filho Amado.

Quando se lê e estuda o Salmo 22, é preciso analisá-lo do ponto de vista profético.

O Salmo 22 é eminentemente messiânico, e demonstra com clareza alguns dos eventos mais relevantes da vida do Messias entre os homens.

Este salmo fixa-se em descrever a condição de Cristo como o Servo do Senhor quando pregado na cruz.

Analisando os versículos de 1 a 6, fica evidente que o salmista em momento algum reclamou que Deus o abandonara.

Da mesma forma, ao clamar: *'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?'*, Jesus não está salientando que fora abandonado por Deus. Pelo contrário!

Por que o Salmo fala de desamparo? Seria porque Deus haveria de virar as costas para o seu Filho na cruz? Não!

Os versículos seguintes do mesmo Salmo demonstram outra realidade.

1º) O salmista demonstra que os pais (patriarcas, profetas, reis, etc) clamaram a Deus no passado e Deus os livrou. Isto demonstra que todos aqueles que depositaram confiança em Deus obtiveram livramento. E o que aconteceu com Cristo? Ele clamou e não foi atendido? Observe como Jesus clamou ao Pai: *"E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres"* (Mt 26:39). Cristo foi 'desamparo' em relação ao pedido (passa de mim este cálice), e não em relação a sua pessoa. Observe que os versículos 2 à 6 do Salmo 22 enfatizam o pedido, a confiança e o livramento da parte de Deus;

2º) Por que o pedido de Cristo não foi atendido, ou melhor, por que ele clamou e não foi (ouvido)? Acaso foi porque Deus o abandonou? Não! Deus não atendeu ao pedido de Cristo porque ele é santo. A santidade de Deus não podia ceder e dar lugar a vontade de Cristo. A santidade de Deus estabeleceu

a vontade divina (Sl 22:3).

3º) E o Salmo arremata: Sl 22:4 -6 - Os pais confiaram em Deus e foram atendidos em suas petições, porém, por causa da paixão da cruz Cristo não foi atendido, antes se estabeleceu a vontade de Deus. Enquanto os pais foram atendidos, Cristo humilhou-se até a condição de verme, opróbrio dos homens. A condição de verme é porque Cristo submeteu-se a vontade do Pai, ou porque foi desamparado na cruz? É certo que Jesus estava na condição de verme porque Deus é santo!

Note o contraste: os pais clamaram e não foram confundidos, e agora, o Filho clama e não é atendido (Sl 22:1 -6).

“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido? Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego. Porém tu és Santo, tu que habitas entre os louvores de Israel. Em ti confiaram nossos pais; confiaram, e tu os livraste. A ti clamaram e escaparam; em ti confiaram, e não foram confundidos. Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo” (Sl 22:1 -6).

Enquanto os pais foram atendidos em seus pedidos e escaparam, o Cristo de Deus assumiu a condição de verme e opróbrio dos homens. Por causa da condição de ‘opróbrio’ dos homens Jesus teve alongado de si o auxílio divino, ou seja, o auxílio de Deus veio, mas não conforme as palavras do bramido de Cristo “Meu Pai, se é possível passa de mim este cálice...” (Mt 26:39).

O pedido de Jesus foi dentro das possibilidades, visto que Ele veio para fazer a vontade do Pai (Jo 6:38).

Cristo aparentava estar desamparado por Deus diante dos homens para que a justiça de Deus fosse estabelecida. Segundo a visão limitada dos homens Cristo foi desamparado por Deus “Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama; porque disse: Sou Filho de Deus” (Mt 27:43), mas aquele momento na cruz remete a um sacrifício que subiu como cheiro suave às narinas de Deus.

“Não escondas de mim a tua face, não rejeites ao teu servo com ira; tu foste a minha ajuda, não me deixes nem me desampares, ó Deus da minha salvação. Porque, quando meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me

recolherá“ (Salmo 27:9 -10).

Deus não desamparou Jesus sobre a cruz, visto que, a oferta do corpo de Cristo não foi em pecado. Cristo se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, o que demonstra que Deus não virou o seu rosto quando Cristo estava sobre a cruz, como diz o imaginário popular (Hb 9:14).

Cristo não estava em pecado quando na cruz, pois ele não conheceu o pecado. Deus O fez pecado, ou seja, Jesus assumiu a posição de pecado (maldito) quando foi pendurado no madeiro “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5:21).

Deus em momento algum rejeitou a pessoa de Cristo, uma vez que no próprio Salmo 22 temos:

“Pois não desprezou nem abominou a aflição do aflito; não escondeu dele o seu rosto, mas quando ele clamou, O ouviu” (Sl 22:24).